

---

## **Análise da reportagem do Fantástico sobre a morte da vereadora Marielle Franco**

### **Analysis of Fantástico's report on the death of councilwoman**

Thamires de Souza Trindade SILVA<sup>1</sup>

Kátia Zanvettor FERREIRA<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Este artigo apresenta os resultados iniciais de uma investigação de iniciação científica que tem como objetivo refletir sobre a organização simbólica no jornalismo. Neste trabalho fizemos uma análise discursiva e buscamos verificar, a partir das categorias Ocultação e Inversão propostas por Abramo (1988), como padrões de manipulação estão presentes na narrativa jornalística. O recorte deste trabalho será a análise da reportagem do programa Fantástico em março de 2018, sobre a morte da vereadora Marielle Franco.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reportagem; Manipulação; Marielle Franco; Crime; Caso.

#### **ABSTRACT**

This article presents the initial results of an undergraduate research that aims to reflect on the symbolic organization in journalism. In this work we seek to verify, from the Occult and Inversion categories proposed by Abramo (1988), as patterns of manipulation are present in the journalistic narrative. The clipping of this work will be the analysis of the report of the program "Fantastic" in March 2018, on the death of councilwoman Marielle Franco.

**KEYWORDS:** Reporting; Manipulation; Marielle Franco; Crime; Case.

#### **INTRODUÇÃO**

No dia 14 de março de 2018 a vereadora Marielle Franco, do partido PSOL, foi assassinada no centro do Rio de Janeiro. Ela foi atingida por tiros dentro de um carro, no banco de trás de seu motorista Anderson Gomes, que também foi executado. Neste dia, a vereadora fez parte de um evento sobre a participação e oportunidades para mulheres negras na política.

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Vale do Paraíba; Integrante do Grupo de Pesquisa e Estudo em Comunicação (Labcom-Univap); e-mail: [thamiressjc@hotmail.com](mailto:thamiressjc@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade do Vale do Paraíba (Univap). Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Estudo em Comunicação (Labcom-Univap), e-mail: [katia.zanvettor@gmail.com](mailto:katia.zanvettor@gmail.com)

---

A sua morte provocou comoção, manifestações, críticas e debates. Defensora dos direitos humanos, Marielle era relatora da comissão da Câmara dos Vereadores que fiscaliza a atuação da intervenção federal nas favelas.

A morte da vereadora teve uma grande repercussão nas mídias sociais, nacionalmente e internacionalmente, por ser um caso em que as motivações não foram esclarecidas prontamente. Por ter relação com interesses políticos, sua morte também mereceu uma cobertura especial da mídia nacional. Jornais, revistas, rádios e demais veículos de comunicação fizeram ampla divulgação do caso.

Nesta pesquisa, que ainda está em andamento, pretende-se refletir sobre a organização simbólica do jornalismo de temas sociais de grande relevância, tal qual o assassinato da vereadora Marielle, a partir de uma perspectiva discursiva. A metodologia utilizada parte da análise do discurso feita sob a ótica dos livros *Discursos da Mídia*, de Patrick Charaudeau (2013), e *Padrões de manipulação na grande imprensa* de Perseu Abramo (1988), além de autores ligados à linha francesa da análise do discurso, como Foucault (2014). Para análise da reportagem, foram usados os padrões de Ocultação e Inversão, assim como a perspectiva da influência da mídia na formação da opinião pública.

Tentamos, então, neste trabalho, desenvolver um esforço analítico da significação discursiva produzida sobre o acontecimento no espaço jornalístico, compreendendo que ela é resultante de dois componentes: o linguístico e o situacional.

A significação discursiva, pode-se afirmar, é uma resultante. Uma resultante de dois componentes dos quais um pode ser denominado linguístico, já que opera no material verbal (a língua) (...) e outro, situacional, já que opera no material psicossocial, testemunha dos comportamentos humanos... (CHARAUDEAU, 2008, p. 6)

Particularmente, escolhemos como recorte de análise a reportagem especial na principal revista eletrônica veiculada em cadeia nacional, o programa Fantástico, exibido aos domingos na emissora de televisão *Rede Globo*. Ao assistir a reportagem pode-se acreditar que é uma matéria que presta homenagens a alguém que lutava por direitos iguais para todos, entretanto, a análise na perspectiva discursiva demonstra padrões que fogem dessa percepção inicial.

Logo, o objetivo central deste trabalho é refletir sobre o papel da mídia na sociedade, especialmente quanto ao impacto da cobertura de acontecimentos de grande relevância social, visto que a forma como um acontecimento é noticiado e transmitido para uma população pode influenciar no modo de enxergar e interpretar os fatos.

De acordo com Foucault (2014), a sociedade é enquadrada sob uma ordem discursiva, a qual é composta por normas e instituições que os indivíduos devem seguir. Assim, partiremos do pressuposto de que a mídia compõe esse rol de instituições sociais que organizam a ordem discursiva da contemporaneidade. Assim, será discutida também a forma como a mídia se assegura desse discurso, a fim de compreender como essa reportagem se enquadra neste conceito.

## **METODOLOGIA**

O percurso metodológico parte da análise do discurso, particularmente, aquela da perspectiva da análise discursiva francesa. Neste sentido, significa entender que o nosso objeto se constitui na intertextualidade. “A significação discursiva só será possível se levarmos em conta o (a) material verbal e (b) o material psicossocial” (MACHADO; MELLO, 2004).

Traremos então para a nossa análise, a partir de Charaudeau (2013), uma estratégia de construção analítica de como os discursos se organizam. Para o desenvolvimento: 1) o saber (conjunto de crenças partilhadas); 2) poder (como os indivíduos participam das diferentes relações de poder na sociedade); e 3) lugar de palavra (o quanto o sujeito do discurso participa da encenação discursiva).

Para Patrick Charaudeau (2015), vivemos um mundo de máscaras e como existem várias, diversas identidades são factíveis. Nessa direção, o disfarce, que nem sempre se refere a uma imagem falsa/enganosa, mas a uma imagem/interpretação, é o que constitui a nossa presença e a nossa relação com o outro. Sempre no que é dito, diz Charaudeau (2015), haverá o que não é dito, que também é dito, mesmo sem ser percebido (TELES, 2017).

---

Para colaborar com essas reflexões e, especialmente, para entender o espaço de saber, poder e palavra da mídia, traremos os pressupostos de Abramo (1988). Por fim, para refletir sobre nosso objetivo final: a construção de sentido na mídia, a partir da análise de discurso.

Charaudeau (2013, p. 242) afirma que o “acontecimento em estado bruto sofre uma série de transformações - construções desde o seu surgimento”. Além disso, passa por uma “série de filtros construtores de sentidos” (CHARAUDEAU, 2013, p. 242). Dessa forma, vamos observar e estudar como a reportagem do Fantástico faz esses filtros de construção de sentido, junto aos padrões de manipulação encontrados.

## **PADRÃO DE OCULTAÇÃO E INVERSÃO E A ORDEM SIMBÓLICA NO JORNALISMO**

O jornal e o jornalismo é um modo de seleção do mundo. Para Charaudeau (2013), é possível a partir de um ponto de vista empírico analisar a mídia a partir de duas lógicas: a econômica e a simbólica. A primeira lógica estaria relacionada ao fato de que toda empresa midiática atua para fabricar um produto e ocupar um lugar dentro da ordem de trocas capitalistas, e, a segunda lógica é a “que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública” (CHARAUDEAU, 2013, p. 21).

De acordo com Charaudeau (2013), a relação da produção e recepção das informações não tem uma troca, visto que as pessoas interpretam sem poder interpelar sobre o que está sendo informado. “Por mais que as mídias recorram a técnicas ditas interativas, não há diálogo e troca, somente o seu simulacro” (CHARAUDEAU, 2013, p. 124).

Ademais, Charaudeau (2013) também afirma que a mídia não traz um contexto histórico para aquilo que está sendo discutido. A urgência que se tem para noticiar algo traz um vazio, que é preenchido por outra urgência.

O discurso das mídias se fundamenta no presente de atualidade, e é a partir desse ponto de referência absoluto que elas olham timidamente para ontem e para amanhã, sem poder dizer muita coisa a respeito. Não raro fazem o que o meio profissional chama de perspectivação, que não pode trazer, no entanto, explicações históricas. Assim sendo, pode-se dizer que o discurso de

---

informação midiático tem um caráter fundamentalmente a-histórico (CHARAUDEAU, 2013, p. 134).

Neste trabalho, nos interessa especialmente olhar para essa ordem simbólica e como, nesta reportagem, a *Rede Globo* organizou sua pauta de modo a fazer prevalecer sua narrativa, construindo um sentido para o acontecimento e participando assim da construção da opinião pública do caso Marielle. Um dos processos dos quais essa lógica simbólica depende é o de ocultação e o de seleção dos acontecimentos.

No rádio e na televisão, a notícia se reparte no tempo e, por isso, é inserida e hierarquizada numa certa unidade temporal, marcada pelo número de vezes que aparece, pela ordem de aparição (começo, meio, fim do jornal) e pelo tempo de palavra ou de imagem que lhe é dedicado (CHARAUDEAU, 2013, 147).

A reportagem feita pelo Fantástico será abordada a partir da ideia acima, a fim de compreender os seus critérios utilizados na montagem do conteúdo transmitido.

Abramo (1988) foi jornalista e editor de educação durante um longo tempo no jornal *Folha de São Paulo*. Nesta obra, ela usa da sua vivência no meio para discutir aspectos importantes do processo ideológico no trabalho jornalístico (ABRAMO, 1988). Assim como Charaudeau (2013), Abramo (1988) também pontua a seleção dos fatos a partir do que a mídia vai mostrar, ou seja, a hierarquização dos fatos com base nos padrões de manipulação, pois o que a imprensa apresenta às pessoas tem relação com a realidade, entretanto é uma relação indireta. “É uma referência indireta à realidade, mas que distorce a realidade. Tudo se passa como se a imprensa se referisse à realidade apenas para apresentar outra realidade, irreal, que é a contrafação da realidade real” (ABRAMO, 2006).

Não é que a mídia manipula propositalmente ou sorrateiramente em função de um interesse escuso. A manipulação faz parte do ato intrínseco de fazer notícia, pois por ter um espaço limitado, um público limitado e uma forma limitada é preciso admitir a existência de processos de ocultação de acontecimentos e de seleção. Entender tais processos é fundamental e diz muito sobre a composição de sentidos midiáticos. O padrão de ocultação, segundo Perseu Abramo (1988, p. 40)

É o padrão que se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa. Não se trata, evidentemente, de fruto do desconhecimento, e nem mesmo de mera omissão diante do real. É, ao contrário, um deliberado silêncio militante sobre determinados fatos da realidade. Esse é um padrão que opera nos antecedentes, nas preliminares da busca da informação. Isto é, no “momento” das decisões de planejamento da edição, da programação ou da matéria particular daquilo que na imprensa geralmente se chama de pauta.

A *Rede Globo* seleciona o que será ou não mostrado e exposto ao público, assim, no caso da reportagem do Fantástico, todos os fatos não são exibidos. Essa perspectiva tem conexão com a abordagem de hierarquização de Charaudeau (2013). “*As mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público*” (CHARAUDEAU, 2013, p. 19). Assim, é notório que a reportagem não apresenta todos os fatos e acontecimentos políticos de Marielle. Charaudeau (2013, p. 232) aponta que a televisão é um gênero que tem “o propósito de dar conta do mundo dos fenômenos, só consegue dar conta de seu próprio imaginário, aquele no qual se encontra o telespectador como alvo construído à sua imagem. O que a televisão consegue fazer é nos oferecer seu próprio espelho”.

Já o padrão de inversão “opera o reordenamento das partes, a troca de lugares e de importância dessas partes, a substituição de umas por outras e prossegue, assim, com a destruição da realidade original e a criação artificial da outra realidade” (ABRAMO, 2006). A reportagem decide mostrar qual será o valor e a ordem dos fatos. Esse padrão também tem conexão com a teoria proposta por Charaudeau (2013, p. 147), afinal tanto no rádio quanto na televisão a notícia é repartida no tempo e por isso inserida e hierarquizada numa “unidade temporal, marcada pelo número de vezes que aparece, pela ordem de aparição (começo, meio, fim do jornal) e pelo tempo de palavra ou imagem que lhe é dedicado”.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A reportagem do Fantástico se inicia com um vídeo de Marielle Franco na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no dia 8 de março de 2017, fazendo uma chamada com o nome de mulheres brasileiras que foram mortas. Logo após, o programa mostra pessoas em luto e

---

mobilizadas, pelas ruas, que, como forma de protesto e homenagem, também faziam uma “chamada” com o nome de Marielle.

Para dar continuidade à matéria, a repórter Renata Ceribelli faz uma entrevista com a assessora de Marielle, única sobrevivente do ataque. A entrevista não expõe o nome e o rosto da assessora, a pedido da própria entrevistada. Ela conta como era a sua rotina junto de Marielle, e também detalhes do ataque contra a vereadora e seu motorista. Em seguida, a reportagem exhibe os vídeos da câmera de segurança, na rua em que o carro do motorista Anderson estava estacionado. O comentarista de segurança da emissora *Globo*, Fernando Veloso, analisa e discute detalhes das cenas.

Após descrever a parte criminal do assassinato, a reportagem traz a definição de direitos humanos. Para dar significado ao termo, há uma fala de Margarida Pressburger, da Comissão de Direitos Humanos da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), ela afirma que “Direitos Humanos é tudo. É tudo que se resume à dignidade. É tudo igualdade, é paridade. Somos todos iguais e todos temos os mesmos direitos” (APÓS ASSASSINATO..., 2018). Em seguida, a reportagem mostra a origem desses direitos, trazendo as definições dos artigos I, II e III da Declaração dos Direitos Humanos e expõe que a vereadora lutava por eles. Então, a reportagem passa para os relatos e comentários de pessoas próximas à Marielle. Dentre eles, Roberta Calábria, do Movimento Mães e Crias na Luta, Marcelo Freixo (deputado estadual PSOL-RJ), Tainá de Paula (arquiteta, urbanista e membro da #PartidA, movimento feminista que busca fortalecer mulheres na política) e Aline Lourena (cineasta). Esses personagens, fontes primárias da reportagem, considerando sua relação de proximidade com a vereadora assassinada, falaram sobre a forma como Marielle conduzia suas ações pessoais e políticas e a conexão entre essas ações.

Prosseguindo na parte de relatos, a apresentadora Poliana Abritta conversa com Ágatha Arnaus, a viúva do motorista Anderson Gomes.

Em seguida, a reportagem aborda a representação oficial no CNJ (Conselho Nacional de Justiça) e ação do partido político PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) contra a desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Marília Castro Neves, a qual publicou informações falsas sobre Marielle Franco, assim como a denúncia contra o deputado Alberto Fraga, feita ao Conselho de Ética, devido a postagens contra a vereadora.

---

---

A matéria apresenta as postagens feitas por Marília e Alberto para falar sobre difamação e calúnia. O presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Felipe Santa Cruz, fala sobre a relevância de divulgar acontecimentos sem verificar a veracidade desses e como isso pode se tornar um crime.

Dando continuidade às entrevistas, a repórter Renata Ceribelli conversa com familiares e a namorada de Marielle. Seus pais falam sobre como estão lidando com a morte da vereadora.

A primeira parte da reportagem é dedicada ao crime e a assessora da vítima conta, sob seu ponto de vista, como tudo aconteceu. Para trazer a “imagem” ao telespectador, o Fantástico exhibe os vídeos e imagens da câmera de segurança do local onde a vereadora estava minutos antes de ser assassinada. Essa parte da reportagem, feita por Sônia Bridi e Eduardo Faustini, traz suposições e deduções sobre “possíveis” perseguições, horários e movimentos do crime.

Consideramos que toda essa primeira parte da organização da reportagem está articulada com os elementos interdiscursivos de saber e poder apontados por CHARAUDEAU, (apud Teles, 2017). Para constituir seu discurso em torno do saber, a reportagem faz uso de uma série de informações compartilhadas: relatos de fontes próximas ao acontecimento, imagens do acontecimento e trechos de mensagens em redes sociais. Por outro lado, traz elementos fundamentais para constituição simbólica em torno do poder como: a fala da ONU, da OAB e do CNJ.

Na segunda parte da entrevista, focada na trajetória pessoal e política de Marielle, a reportagem retoma a definição de “direitos humanos”. Consideramos que, nessa etapa, é o momento em que a reportagem poderia usar o recurso nomeado por Charaudeau (2006) como Lugar de palavra. Considerando que a vereadora, sua morte e as razões dela são o centro dos acontecimentos, aqui seria o momento para dar lugar a quem era Marielle, deixá-la falar por meio de sua trajetória.

Essa segunda parte da reportagem se inicia com o questionamento “O que são direitos humanos?” e traz a resposta de três pessoas entrevistadas na rua. Após as respostas, a pergunta é feita novamente e traz a definição de Margarida Pressburger, da Comissão de Direitos Humanos do IAB. Logo após essa fala, a reportagem afirma que:

---

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi proclamada numa assembleia geral da ONU, em 1948. Todos os membros, incluindo o Brasil, aderiram ao texto que diz: ‘Todos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade. Todo ser humano tem direitos, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião ou qualquer outra condição. Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. “Marielle defendia esses direitos” (APÓS ASSASSINATO..., 2018).

Marielle ficou conhecida pela atuação com os direitos humanos, porém o foco central de sua luta era, principalmente, pelos direitos de grupos de mulheres marginalizadas: negras, lésbicas e bissexuais. Ao não falar dessa especificidade da luta da vereadora, cria um efeito de fragmentação.

A reportagem escolhe falar de Direitos Humanos em termos mais gerais, e, devido a essa seleção, inevitavelmente fatos acabam sendo ocultados e fragmentados. Somado a isso, a matéria escolheu cobrir a morte da vereadora priorizando relatos de ordem emocional, recuperando pouco a trajetória política e os discursos críticos de cunho social que ela tinha. Nesse aspecto, além de não permitir o lugar de palavra, o processo de organização dos sentidos jornalísticos lembra os processos de seleção, ocultação e fragmentação dos fatos a qual nos alerta Abramo (1988), e que, para o autor, pode provocar mais desentendimento do que compreensão sobre os acontecimentos.

De acordo com Abramo (1988, p. 44), o padrão da inversão se caracteriza como a fragmentação dos aspectos, os quais não são contextualizados, e

opera o reordenamento das partes, a troca de lugares e de importância dessas partes, a substituição de umas por outras e prossegue, assim, com a destruição da realidade original e a criação artificial da outra realidade. É um padrão que opera tanto no planejamento quanto na coleta e transcrição das informações, mas que tem seu reinado por excelência no momento da preparação e da apresentação final, ou da edição, de cada matéria ou conjunto de matéria.

Consideramos que, pela lógica da trajetória de Marielle, que pode ser vista em uma entrevista sua concedida ao Instituto Update, em 2017 sua prioridade política passa pela luta com mulheres periféricas e negras (A VOZ..., 2019). Ao não dar prioridade a esse acontecimento,

---

ao inverter os fatos, deixando de exibir suas principais reivindicações, o padrão de inversão fica evidente na reportagem.

Marielle lutava contra o abuso de poder, dos homens, policiais brancos organizados em milícias, que adentravam o morro e matavam pessoas da sua comunidade, pobres, negros e marginalizados. Essas eram algumas das bandeiras levantadas por ela, embate esse que vai além do discurso de “direitos humanos” priorizado pelo Fantástico. Ao não falar dos seus atos, a reportagem não prioriza o que, para a personagem central do acontecimento, era prioridade, ou seja, sua luta política. Por isso, nos parece estar em operação o padrão de ocultação que, como nos lembra Abramo (1988, p. 41) é “decisivo e definitivo na manipulação da realidade: tomada a decisão de que um fato ‘não é jornalístico’, não há a menor chance de que o leitor tome conhecimento de sua existência, por meio da imprensa”.

Assim, o programa faz um processo de seleção, ocultação e fragmentação dos acontecimentos para colaborar com a organização simbólica de um discurso de tragédia diante da morte da vereadora. Participa da comoção da opinião pública, porém, não cumpre uma função importante do jornalismo que seria o de apresentar uma pluralidade de pontos de vista para ampliar o escopo crítico e possibilitar novas frentes de abordagem do senso comum. A vereadora era ativista e tinha princípios políticos que incomodavam, até mesmo à emissora. Em uma passagem afirma-se que ela apresentou mais de 20 projetos de leis, porém nenhum é citado ou exemplificado.

Ao se atentar ao formato da reportagem e como ela decorre é perceptível a utilização de padrões de manipulação.

[...] tudo se passa como se a imprensa se referisse à realidade apenas para apresentar outra realidade, irreal, que é a contrafação da realidade real. É uma realidade artificial, não-real, irreal, criada e desenvolvida pela imprensa e apresentada no lugar da realidade real” (ABRAMO, 1988, p. 39-40).

O padrão de fragmentação, eliminando fatos considerados não-jornalísticos “o todo real é estilhaçado, despedaçado, fragmentado em milhões de minúsculos fatos particularizados” (ABRAMO, 1988, p. 42) está presente nos momentos em que a globo não revela as causas pelas quais Marielle lutava, os movimentos em que era engajada e que era contra a intervenção militar

---

na cidade do Rio de Janeiro, autorizada pelo presidente Michel Temer. Seguindo o padrão de inversão por trazer o sofrimento das famílias como o foco principal da matéria e não seu trabalho, eles trazem opiniões que tomam mais destaques que as informações sobre o caso.

O sofrimento das famílias e dos amigos nos depoimentos sobre Anderson e Marielle fazem os telespectadores partilharem a dor das pessoas próximas a eles. A luta da vereadora, que ocasionou sua morte, foi deixada em segundo plano; os reais motivos foram encobertos em meio às lágrimas dos depoimentos.

Por fim, a partir das análises, consideramos que é possível inferir que está correta a afirmação de Charaudeau sobre como a informação no universo midiático é construída. Ou seja, ela não é o reflexo do que acontece na sociedade, mas sim a construção a partir do acontecimento. Podemos dizer, então, que o discurso jornalístico opera construindo, a partir da realidade, um novo sentido simbólico sobre os acontecimentos. A reportagem do Fantástico, ao construir o relato sobre a morte de Marielle, criou um universo sobre ela de acordo com o que a própria instituição jornalística considera pertinente ou não para a organização dos sentidos do acontecimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo tornou perceptível que, para constituir o seu discurso simbólico, a reportagem está estruturada dentro de critérios interdiscursivos de saber e poder e, ainda, para organizar o lugar de palavra se faz uso de padrões que ocultam, selecionam e fragmentam a realidade, criando sua própria versão do acontecimento.

A reportagem descontextualiza as lutas da vereadora Marielle Franco, focando no sofrimento das famílias, em seu estilo de vida, sua intimidade e desviando o olhar de quem assistiu o programa das suas causas, bandeiras e dos seus últimos passos de enfrentamento contra a política do governo do Rio de Janeiro. É importante observar que não está em questão aqui se as escolhas de inversão, ocultadas, foram intencionais ou não. O que nos interessa entender é como, no processo discursivo, se dá o efeito simbólico da mídia.

Esperamos, na sequência desta investigação, continuar com as análises dos textos jornalísticos sobre a morte de Marielle, trazendo para estudo outros veículos de comunicação.

---

---

Nosso maior interesse é compreender a significação discursiva produzida sobre o acontecimento no espaço jornalístico.

## REFERÊNCIAS

A VOZ de Marielle Franco. **Instituto Update**, 12 mar. 2019. Disponível em: <https://www.institutoupdate.org.br/2019/03/12/a-voz-de-marielle-franco/>. Acesso em: 09 abril 2021.

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1988.

ABRAMO, P. Significado político da manipulação na grande imprensa. **Fundação Perseu Abramo**, São Paulo, 03 mar. 2006. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbn/significado-politico-da-manipulacao-na-grande-imprensa/>. Acesso em: 01 abril 2018.

APÓS ASSASSINATO de Marielle, vereadora é atacada na internet. **Fantástico**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 18 mar. 2018. Programa de TV.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MACHADO, I. L.; MELLO, R. **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: Edições NAD/FALE/UFMG, 2004

TELES, T. R. Discurso, Análise do Discurso e Discurso Político: ponderações conceituais. **Estação Científica**, Macapá, v.7, n.1, p.33-48, jan./abril.2017.